

MUDANÇA NO CÂMBIO

Brasil terá apoio externo, diz Wolfensohn

Para presidente do Bird, pessimismo é exagerado e situação do País é melhor que a da Ásia

PAULO SOTERO
Enviado especial

MUNIQUE - Antes de assumir a presidência do Banco Mundial (Bird), há três anos e meio, James Wolfensohn foi banqueiro de investimentos em Wall Street. Na crise da dívida, no início dos anos 80, e no colapso do peso mexicano, no fim de 1994, ele tomou decisões para proteger seu próprio dinheiro e o de seus clientes.

Seus ex-colegas de Wall Street entraram em pânico com a mudança do regime cambial brasileiro, há duas semanas. Imbuído de seu novo papel, Wolfensohn foi um dos primeiros a reiterar seu apoio ao governo brasileiro, anunciam uma aceleração dos preparativos para o desembolso de cerca de US\$ 3,4 bilhões

dos US\$ 4,5 bilhões com que o Bird contribuiu para o crédito que a comunidade financeira oficial ofereceu ao País, em novembro passado, por intermédio do Fundo Monetário International (FMI).

Sua experiência passada de banqueiro e a participação do Bird na resposta às crises

CORÉIA
MOSTRA
SINAIS DE
RECUPERAÇÃO



Wolfensohn: problema do Brasil é o excesso de pessimismo; a crise será superada

mento, porém, a calma retorna. Se você olhar para Coréia, Indonésia e Tailândia, verá que isso aconteceu, pelo menos na Coréia e na Tailândia. E, dependendo das políticas adotadas na Indonésia, há indícios de que a situação lá também comece a melhorar. No Brasil, o presidente Cardoso demonstrou durante toda a crise e mesmo nas últimas 24 horas, na segunda votação de medidas fiscais no Congresso brasileiro, que as coisas estão sendo postas sob controle. O Congresso está respondendo de forma positiva. Há indica-

América Latina e no Brasil há um sistema financeiro muito mais forte. Depois da crise do México, a América Latina fortaleceu sua estrutura financeira, o que não aconteceu nos países da Ásia. O que ficou claro na Coréia, Tailândia e Indonésia é que havia conexões entre políticos e empresas altamente alavancadas. Somente as empresas da Indonésia deviam US\$ 70 bilhões a bancos ocidentais, sem o benefício de nenhuma informação transparente. Havia a alavancagem a que me referi na Coréia. E havia uma bolha financeira na Tailândia. Não há nenhum indício disso na América Latina. Houve menos restrições fiscais na América Latina e queda nas exportações em alguns países, com perda de crescimento. Mas não há as vulnerabilidades que existiam na Ásia ou na Rússia. A América Latina é mais forte. Se você tomar o Brasil e a Argentina como exemplos, verá que fundamentalmente os bancos são mais fortes e a supervisão também. A crise na América Latina é diferente.

Estado - Presumindo que o ajuste fiscal seja completado no Brasil, a saída da crise poderá ser mais rápida do que foi na Ásia?

Wolfensohn - É o que eu espero. Cada uma dessas crises tem características próprias. Minha visão pessoal é esta: os fundamentos da economia na América Latina são fortes. Há um interesse

financeiras da Ásia e da Rússia colocam este judeu australiano, naturalizado americano, numa posição única para analisar a tormenta que ameaça a economia brasileira. Foi o que Wolfensohn fez, em entrevista ontem ao **Estado** na capital da Baviera, onde participou do Quarto Fórum Alemão do Banco Mundial, um seminário co-patrocinado pela Siemens e que este ano focalizou as oportunidades de investimentos na América Latina.

Estado - Como o senhor caracteriza o que ouviu em Munique sobre a crise que o Brasil enfrenta neste momento?

James Wolfensohn - As pes-

soas aqui, como nos Estados Unidos e em toda parte, estão preocupadas em avaliar o significado da mudança da paridade do real. É uma reação natural. Foi o que aconteceu nos casos da Coréia, Tailândia e Indonésia e nós nos estamos acostumando a avaliar essas situações em meio

à tempestade. Se você olhar para a Ásia agora, depois da tempestade, verá que as economias da Coréia e da Tailândia se estão regenerando e há sinais de recuperação também na Indonésia. E, no entanto, quando estávamos no meio das crises nesses países, as pessoas estavam falando no fim do mundo e no colapso da Ásia. Meu palpite é que o que estamos vendo hoje no Brasil e na América Latina é a mesma coisa, é o pessimismo. Minha opinião é que vamos superar essa crise.

Estado - O que o faz pensar assim no caso do Brasil?

Wolfensohn - O Brasil é um país com grandes ativos. Este pe-

riodo de ajuste traz intranquilidade para as pessoas. Crises de descontinuidade como esta, porém, também criam oportunidades. Vamos vencer esse período. É natural que as pessoas fiquem preocupadas. Não estou feliz, é claro, com o que está acontecendo no Brasil. Sou realista e, como todo mundo na comunidade internacional, acho que esse é um choque que poderíamos não ter tido. Mas agora que estamos nele, a questão é: qual é o futuro?

Eu tenho confiança em duas coisas no Brasil. Primeiro, o presidente Cardoso e sua equipe são inteligentes. Segundo, a força subjacente do Brasil é algo muito real. Felizmente, eu não estou mais operando com moedas. Não tenho, por isso, que tomar uma decisão sobre a taxa de câmbio (do real). Mas gostaria de observar, baseado na experiência de crises passadas, que operadores e os mercados tendem a ter uma reação exagerada num primeiro momento e depois voltar a um nível mais normal. Desta vez, eu não tenho dinheiro pessoal em jogo. Mas tenho capacidade de julgamento. E esta capacidade me diz que, em momentos de crises, as pessoas, os comentaristas tendem a excitar-se e a alimentar-se de sua própria excitação. Num certo mo-

mento, também, de que virtualmente todos os governadores estão apoiando o presidente e de que o governador que não está, não está se saindo muito bem nas pesquisas de opinião pública. Minha percepção, portanto, é que o Brasil está se encontrando (nessa crise). Preferia que ela não tivesse acontecido. Não estou dizendo nada de excepcional. O que estou dizendo, porém, é que acho que o Brasil superará esse momento difícil e o fará com o apoio do FMI, do Bird e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Estado - Continuando na comparação que o senhor faz entre o Brasil e os países da Ásia que passaram pela crise, uma diferença importante é que a Coréia, a Tailândia e a Indonésia não tinham um problema fiscal tão sério como têm o Brasil...

Wolfensohn - É verdade. Mas é verdade também que as empresas desses países estavam muito mais endividadas. No caso da Coréia, o nível de endividamento era de cinco para um. Além disso, na

EQUIPE
ECONÔMICA
DO BRASIL É
INTELIGENTE

se continuado do capital de longo prazo pela região, os investimentos de risco aumentaram. O que aconteceu foi uma queda dos fluxos de capital de curto prazo na segunda metade de 97 e 98. Mas estamos vendendo companhias que começam a voltar ao mercado. E os governos também estão voltando ao mercado. Eu reconheço que estamos no meio de uma tempestade, que os ventos estão muito fortes e todo mundo está um pouco abalado, mas acho que vamos sair dessa. Continuo otimista sobre a América Latina e acredito que a estrutura econômica da região permitirá que ela se recupere mais rapidamente.